

ÍNDICE

PRIMEIRA INTRODUÇÃO	7
SEGUNDA INTRODUÇÃO	15
XANCUDO	27
O CARRO DA NEVES	35
A CERCA	45
O FRIGORÍFICO	53
MAS COM UM CARRO?	59
A REFORMA	71
A ROTUNDA	79
A SURPRESA DE NATAL	87
O BIFE	95
A COUVE-DE-BRUXELAS	101
A CERA FRIA	107
O EX	115

CARL	121
O CONCORDE	127
A TIA GRUNHA	135
CALOR DE ANANAZES	145
OVULAÇÃO	153
DENTES I	159
DENTES II	165
PERIGO E TERROR NA ESTRADA	181
DAVID	187
SPA	195
ADN	199
A VELHA	215



PRIMEIRA INTRODUÇÃO

ISTO AINDA DURA?

Ora viva!

De há uns tempos a esta parte, sempre que a boa gente responsável pelas redes sociais da Rádio Comercial deposita no YouTube, com carinho, um novo episódio d’*O Homem Que Mordeu o Cão*, um dos primeiros comentários — por vezes o **primeiro** — a aparecer é o de um cavalheiro que, com diligente pontualidade, digita, todos os dias, as mesmas três singelas palavras:

ISTO AINDA DURA?

Adoro isso.

Mas não deixa de ser estranho, porque aquele senhor está, claramente, **fartinho** de me ouvir — e quem pode censurá-lo? Compreendo bem, porque eu próprio tenho de me aturar 24 horas por dia, até mesmo quando estou calado ou a dormir (consigo ser insuportável nos sonhos). Mas há algo de aconchegante na repetição, na rotina diária, e que é resultado de um investimento em não falhar. É maravilhoso ter ouvintes fiéis, mas também é encantador ter *haters* fiéis. Se um dia me visse impedido de fazer este trabalho, iria sentir a falta das reações entusiásticas de quem gosta do que faço, mas também da persistência e da pontualidade deste senhor e do seu...

ISTO AINDA DURA?

A verdade é que «isto ainda dura?» é uma pergunta interessante e legítima, para a qual nem eu tenho uma boa resposta. Acho fascinante

que *O Homem Que Mordeu o Cão* ainda dure, porque um artista dos *media*, se tiver um pingo de bom senso, tende a refletir sobre — e a temer — o fator dinossauro, sobretudo depois de ultrapassar a barreira dos 50. Sempre tive pavor de não saber quando me retirar, e também de maçar as pessoas. Essa é a minha maior fobia, depois da claustrofobia. O meu pior pesadelo será, portanto, estar trancado com alguém num porta-bagagem e maçar essa pessoa. Sei o quanto algumas pessoas me maçam, e o quanto a minha tolerância para com as pessoas que me maçam está cada vez mais baixa — o que é compreensível; à medida que ficamos mais velhos, devíamos conquistar autoridade para comunicar a quem nos está a maçar: «Escute, de certeza que isso para si é muito importante... força com esse projeto... mas não me resta muito tempo útil e tenho de o dedicar às minhas coisas.» Num mundo ideal, a pessoa a quem o disséssemos compreenderia sem mágoa. Nem sempre compreendem, mas estou a aprender a não carregar essa culpa pela mágoa alheia.

Mas, sim... **não quero ser essa pessoa**. Por isso, se estiver a maçar, agradeço que me digam, OK? Não levo a mal, juro. E dessa forma, finalmente, começo a dedicar-me à hortofloricultura. Diz que relaxa imenso!

O que é certo é que, sim, **isto ainda dura**. Em parte porque coisas bizarras estão continuamente a acontecer a seres humanos — apesar de o mundo inteiro, hoje em dia, conseguir ser mais bizarro que muitas das histórias que conto nestas páginas, o que não era bem o caso em 1997, quando comecei esta rubrica — e também porque a natureza de noticiário d'*O Homem Que Mordeu o Cão*, que não implica o trabalho criativo insano de inventar histórias ou *sketches* diários originais, mas sim de encontrar a melhor maneira de contar aos ouvintes histórias reais que aconteceram a outras pessoas, ajuda a manter a minha sanidade mental pelas décadas fora. Há tempos, o Ricardo Araújo Pereira perguntava: «Como é que consegues fazer isto há tantos anos, todas as manhãs?» Por isso mesmo: porque apesar de ser guionista e humorista, **aqui** ainda estou a ser uma espécie de jornalista, que é a minha formação e a profissão que tive, até convencer o patronato de que não era bem essa a minha vocação. Um caçador de tesouros da estupidez.

Um arqueólogo da insanidade. Se tivesse de ser um pintor da loucura ou um escultor da ignomínia e fosse obrigado a apresentar obras novas todas as manhãs na galeria de arte que são as *Manhãs da Comercial*, durante todos estes anos, é possível que esta introdução tivesse de ser escrita pelo ChatGPT, porque já não seria capaz de articular coisa com coisa.

Isto também dura pela vitamina que representam as pessoas que me acompanham nesta jornada, e que ainda se riem do que lhes trago, e espicaçam e expandem o universo das histórias: o Pedro, a Vera e o Vasco são uma grandíssima parte do sucesso disto, bem como os nossos incríveis produtores, André Penim e Mariana Pinto. E, nas temporadas em que os temos no estúdio, também o Manuel Cardoso e o Ricardo Araújo Pereira.

Mas há um acrescento muito importante a este universo d'O *Homem Que Mordeu o Cão* desde a última vez que vos escrevi uma introdução num livro desta série de canhenhos. Durante anos, dei por mim a pensar em como seria incrível ter uma minirredação de pesquisa para esta rubrica. Alguém que, em perfeita sintonia comigo, fizesse uma pré-seleção de notícias e histórias bizarras, deixando-me livre para trabalhar criativamente sobre elas. Dado todo o meu trabalho, seria precioso encontrar colaboradores organizados e responsáveis, para me ajudarem na parte mais exaustiva da pesquisa. Algumas tentativas foram feitas — mas falharam, porque nem toda a gente, apesar da sua boa vontade, captura exatamente o que faz com que uma história real estranha seja uma boa história d'O *Homem Que Mordeu o Cão*.

Entra em cena Teresa Sacramento. Sim, é a minha namorada; é ilustradora e pintora, e cria obras lindas e delicadas (sigam @whatteresadrew no Instagram!); mas calha ser também uma pessoa organizada, metódica, perfeccionista, com uma extrema sensibilidade para perceber o que me faz rir, a mim, aos meus colegas no estúdio e às pessoas que nos ouvem. Desde 2020 que a Teresa escava os confins da Internet em busca de histórias bizarras para alimentar o meu vício de as contar à minha maneira. Nas resmas que me envia diariamente estão algumas das vossas favoritas dos últimos anos — agora imortalizadas nas páginas

deste novo volume. É a colaboradora ideal e a alma que dá vida aos últimos cinco anos d'*O Homem Que Mordeu o Cão*.

O resto é a simplicidade disto, que tantas alegrias continua a dar-me. Acordar tão cedo é chato; mas ligar o microfone para vos contar histórias continua a ser das melhores coisas do mundo. Este livro foi feito para ser uma prova palpável dessa alegria — e também para celebrar o nível inédito de envolvimento dos ouvintes que temos testemunhado.

O Homem Que Mordeu o Cão sempre foi uma rubrica interativa. Em 1997, ano zero desta aventura, a Internet apareceu nas nossas vidas e rapidamente se formou um grupo Yahoo da rubrica. Mais tarde, as redes sociais permitiram um diálogo ainda mais próximo com os ouvintes. Mas foi no Reddit que esta rubrica encontrou a sua casa natural. De repente, os ouvintes estavam não apenas a partilhar histórias bizarras de todo o mundo, mas as suas próprias histórias, na primeira pessoa. Abri o Reddit d'*O Homem Que Mordeu o Cão* inspirado por alguns dos meus grupos internacionais favoritos, fonte de tanta e sublime história real — TIFU (*Today I F*cked Up*), AITA (*Am I The Asshole*) — e, em poucas horas, estava formada uma comunidade de ouvintes transbordante de embaraço pessoal para partilhar. Este livro colhe alguns desses relatos, quase todos anónimos, e é um tributo a esses coautores da rubrica, que são, desde sempre, quem a ouve.

Se quiserem juntar-se a esta comunidade, vão a «reddit.com» — ou usem uma aplicação que dê acesso ao Reddit — e, uma vez lá, procurem por «HQMC». Depressa encontrarão este clube de troca de histórias, onde poderão votar nas vossas favoritas. De vez em quando passo lá, a saudar quem lá vai. É um lugar geralmente livre de ódio, o que é raro na Internet. O máximo que lá vi foi embirrações. Embirrações é quase fofo, hoje em dia.

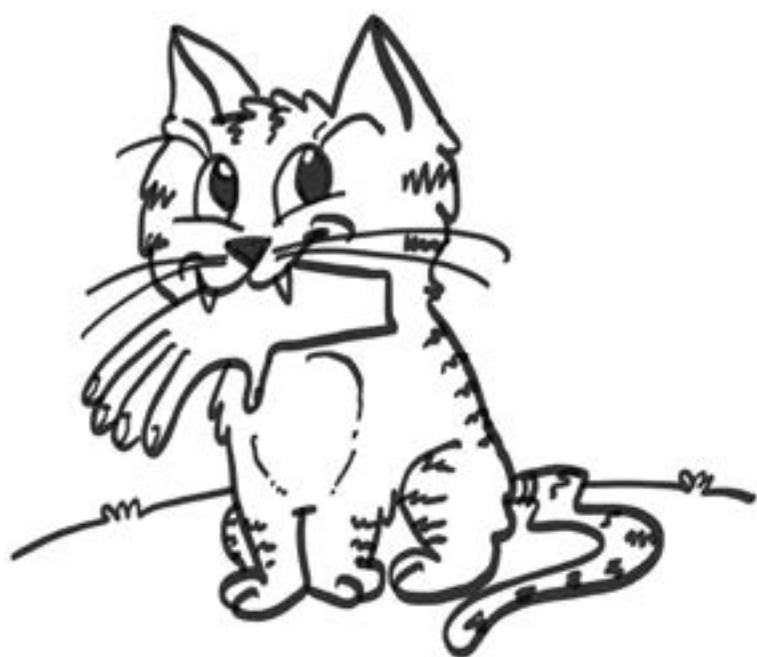
Obrigado a toda a gente que mantém viva esta rubrica e a minha alegria em fazê-la. À Rádio Comercial, casa do Cão desde '97.

À FNAC e à SEAT, que há tantos anos patrocinam esta aventura.

Obrigado, também, às minhas estimadas e dedicadas editoras, Clara Capitão e Eurídice Gomes, a quem dei a alegria de entregar o texto deste livro — exceccionalmente — a tempo e horas. Viva!

E também à minha querida agente/pessoa-praticamente-de-família, Anabela Ventura.

Redescobrir anos de histórias para construir este livro foi uma bela viagem. Mas acho que temos de começar por explicar algumas coisas — nomeadamente o título do livro.



SEGUNDA INTRODUÇÃO

UMA MÃO HUMANA FORRADA A VELUDO, HOMEM!

Para quem tem fobia de maçar as pessoas, isto não ajuda. Como se não bastasse uma introdução, eis **outra introdução**. O que faz da primeira introdução, no fundo, uma introdução a esta introdução.

Quando quero, consigo ser muito cansativo.

Mas isto tinha de ser explicado, porque creio que perdemos o controlo sobre duas expressões que foram ditas em diferentes edições d'O *Homem Que Mordeu o Cão*. «Forrado a veludo, homem!» e «Uma mão humana». Como é que estas coisas nascem? Não faço ideia, e tenho esta profissão há 30 anos. Sei que, nos primeiros anos da rubrica, largámos no mundo duas expressões que foram tão repetidas, que eu próprio me cansei delas. «ENORMES SEIOS», que surgiu de uma estranha roleta russa que o Ricardo Araújo Pereira criou quando ainda éramos só guionistas de humor a trabalhar para outras pessoas (a ideia era cada um gritar, num elevador, à vez, «ENORMES SEIOS», até a porta do elevador se abrir para entrar alguém — alguém que seria brindado pelo grito de um de nós); e «ISTO É UM DESBLOQUEADOR DE CONVERSA», sendo um Desbloqueador de Conversa (marca registada!) uma frase pitoresca, talvez um pedaço de *trivia*, algo capaz de quebrar o silêncio angustiante que faz com que uma viagem até um simples terceiro andar pareça eterna.

A verdade é que ambas as frases foram pensadas para *pegarem* e serem repetidas. Estas, que abrem a segunda introdução, não. Estas foram acidentes de percurso — o que lhes dá um sabor mais especial e surpreendente.

Uma manhã, contei a história de uma senhora do Texas que, vasculhando no Facebook Marketplace — uma espécie de OLX do Facebook —, encontra um armário Luís XVI pelo qual se apaixona. Parece em bom estado e, muito importante, quem o tinha posto à venda estava a pedir um nono do valor por que aquele tipo de mobília é normalmente vendido. Percebo esta senhora: não há nada mais delicioso — embora sinistro, admito — do que procurar vendedores que não se dão ao trabalho de avaliar as coisas que estão a vender. Mas, caramba, também não vamos ser nós a dizer-lhes, pois não? «Estou interessado em adquirir esse item, mas não me sentiria bem comigo próprio se não lhe dissesse que o senhor está a vendê-lo demasiado barato.» Terá alguém, alguma vez na História, proferido esta frase num destes *sites* de compras e vendas? Vá lá... Somos a Humanidade. Somos naturalmente péssimos.

Esta senhora avança para o negócio sem dizer à vendedora que ela estava a vender o armário muito abaixo do seu valor real. Num vídeo que fez para o TikTok, a compradora declara: «Obviamente, comprei-o e pus-lhe as mãos em cima esta manhã. Já está aqui na minha casa e é absolutamente perfeito.» Certo. Mas diz mais. «Mal chegou, pus-me imediatamente a abrir todas as portas e gavetas para perceber se estava em tão bom estado como parecia. E não imaginam o que encontrei num dos compartimentos.»

O armário Luís XVI já tinha sido uma bagatela. E agora isto: a vendedora despachara o armário sem verificar se o mesmo continha alguma coisa no seu interior — o que se verificou. «Dentro do armário», diz a senhora que o comprou, «encontrei 13 caixas cor de laranja da marca *Hermès*.»

Para quem não está a par do comércio de luxo, tudo o que é preciso saber sobre a *Hermès* é que é uma **marca muito, muito, muito, muito** cara. Fazem roupas, fazem malas, fazem louças, fazem **luxo**. E a última coisa que alguém espera encontrar dentro de um armário que acabou de comprar a preço de ocasião é um produto *Hermès*. Claro que podiam ser só caixas. Vazias. Ou com porcarias sem interesse nenhum dentro, como aquelas latas de biscoitos que depois só servem para

acondicionar material de costura (quantas vezes não fui ao engano, na minha infância, só para acabar a trincar um carrinho de linhas).

Sim, alguém podia ter usado as caixas para arrumar coisas sem valor. Embora eu tenha a ideia de que pessoas que guardam caixas da *Hermès* **têm produtos da Hermès dentro dessas caixas**. Esta senhora que comprou o móvel tinha plena consciência disso. Então, abriu as caixas. Dentro das caixas estava todo um jogo de porcelanas: um conjunto de pratos de refeição principal, salada e sobremesa da *Hermès*, debruados a ouro, lindos, e certamente caros como o raio. Coloca-se a questão, caros leitores: o que é que fariam? A partir do momento em que está na vossa casa, dentro do armário que compraram... é vosso? Ou será que um anjo pousado num dos vossos ombros vos convenceria a avisar a senhora a quem compraram aquilo?

Perante os pratos, esta senhora que comprou o armário exclamou: «Estes pratos são do mesmo material de que são feitos os sonhos.» Na notícia a que tive acesso, o valor real dos tais pratos não era referido. Mas investiguei e pedi uma estimativa ao ChatGPT. Aparentemente, é coisa para valer uns bons 6000 euros. Cada prato *Hermès* está avaliado entre 500 e 600 euros.

O que fez, então, esta senhora que conta a história? Ligou para a primeira, que lhe vendeu o armário. Não foi capaz de não o fazer. Ainda há pessoas honestas. A vendedora ficou tão alarmada, que, poucos minutos depois, enviou uns estafetas a casa da compradora para recuperarem os pratos. Diz a compradora, no depoimento que largou na Internet: «Só espero que, depois desta boa ação, eu receba doses generosas de bom *karma*.» Sem dúvida. Merece.

Isto levou a que, no TikTok, na secção de comentários à história desta senhora, várias pessoas dessem a sua opinião e partilhassem experiências pessoais de compras e vendas. Uma pessoa dizia ter comprado um armário dentro do qual estavam 1200 dólares — mais ou menos a mesma coisa em euros — e que também ela avisou a pessoa que lhe vendera aquilo. Outra pessoa diz, e com razão: «Não consigo perceber as pessoas que vendem armários sem verificar antes se não

têm nada dentro. Doze pratos de porcelana, ainda por cima, devem ter tornado este armário ainda mais pesado do que já era.»

Foi quando estávamos a dissertar sobre a situação naquela edição d'O *Homem Que Mordeu o Cão* que nos ocorreu especular como é que aqueles pratos estavam acomodados nas embalagens, tendo saído de dentro de mim a observação de que a louça, certamente, estaria «forrada a veludo, homem». Há certas combinações de palavras que parecem pedir um «homem» no fim, e «forrada a veludo» — que ainda por cima soa a uma palavra só — «FORRADAVELUDO», ganha muito quando rematado por «homem». Gostei tanto de ter dito essa frase, que a repeti o resto da manhã. É profundamente satisfatória. Os ouvintes foram contagiados pelo quão forrada a veludo a frase «forrada a veludo, homem» parecia soar. E o resto é História.

Semanas depois, no Reddit oficial d'O *Homem Que Mordeu o Cão*, uma ouvinte da rubrica — identificada como *VariousFlower3074* nessa rede social — deixou uma fascinante história do reino animal. Uma coisa que adoro fazer é criar *suspense* e fazer render o caminho até à derradeira revelação. O depoimento da ouvinte começava assim:

Quem tem gatos com acesso ao exterior deve estar psicologicamente preparado para as suas oferendas. Morando eu num rés do chão com terraço, com vista para uns longos terrenos e armazéns, nunca faltavam lagartixas, pássaros, insetos dos mais variados e claro... ratos. Podia aqui contar quando, numa bela noite de inverno, o meu gato me pôs um rato dentro da cama; não descobri logo em que camada de lençóis, cobertores e edredão estava. Foi tal a rebaldaria, que acabou com tudo no lixo e eu a dormir em cima do colchão num saco-cama. Mas ratos já é muito batido, e nada me preparou para o que aí vinha na suas mandíbulas afiadas, numa bela tarde de domingo.

Depois deste naco de prosa introdutório da nossa ouvinte, foi mais forte do que eu: fiz uma pausa e gritei, completando o raciocínio da ouvinte:

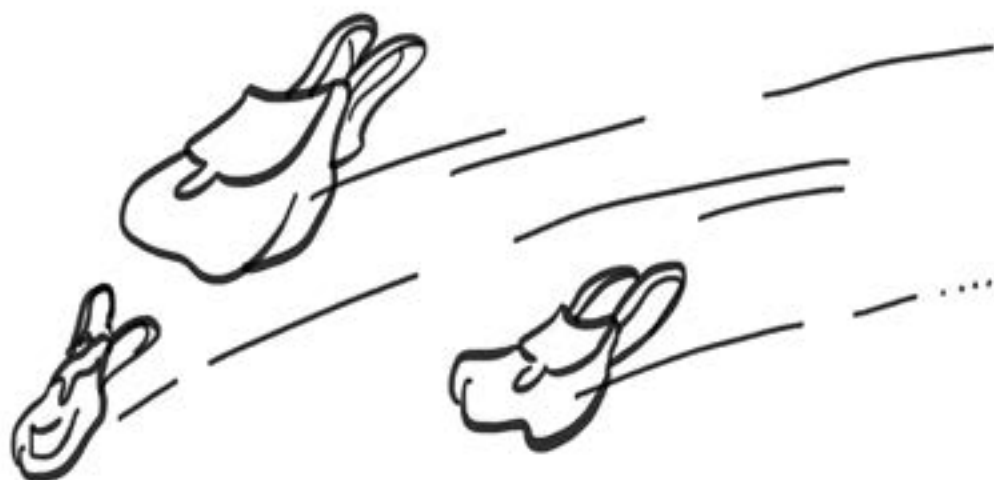
UMA MÃO HUMANA!

Objetivo logrado: os meus queridos colegas de programa saltaram coletivamente em espanto e — espero — os ouvintes também. Não sei bem que cócegas provocaram aquelas três palavras, mas berrar «UMA MÃO HUMANA» tornou-se uma mania. É claro que o gato da ouvinte não trouxera na boca uma mão humana, mas sim um peixinho-dourado de aquário, pilhado de alguma casa nas redondezas. O peixe estava arranhado e parecia morto, mas, na verdade, não só sobrevivera ao rapto, como acabaria por viver muitos e bons anos na casa dos pais da ouvinte.

Também as palavras «UMA MÃO HUMANA» atingiram o coração do auditório da Rádio Comercial. Recebi toneladas de vídeos de ouvintes a gritar «UMA MÃO HUMANA», fotos de estátuas e esculturas diversas de mãos humanas pelo mundo inteiro, recebemos caixas de mãos humanas impressas em 3D, porta-chaves em forma de mão humana criados por ouvintes, e uma fã do programa chegou ao ponto de tatuar numa perna a figura da mascote desta rubrica, segurando uma mão humana entre os dentes. Num noticiário da SIC, o jornalista Bento Rodrigues, falando da iminente mudança de hora, disse com o ar sério e profissional que lhe reconhecemos: «Hoje em dia já quase não precisamos de nos preocupar, porque a tecnologia trata disso, mas ainda há casos em que tem mesmo de ser... A MÃO HUMANA».

Agora digam-me: que outro título podia este canhenho ter?

**E AGORA,
SEM MAIS DEMORAS,
A REFEIÇÃO PRINCIPAL
DESTE BUFFET
DE BIZARRIA**



XANCUDO

Esta história foi deixada no Reddit d'O Homem Que Mordeu o Cão por um ouvinte que dá pelo nome artístico de *Malbineiro*. O nome é explicado cedo, na mensagem que lá deixou. E a história tem um esplêndido arranque.

Cresci num bairro social, daqueles onde a autarquia resolve todos os problemas com a pintura dos prédios às cores.

Ri-me com isto, porque conheço vários casos de bairros sociais pintados às cores. Para dar mais alegria, digamos assim. O bairro em questão é em Ermesinde: o Bairro das Malbinas, que ganhou esta alcunha por ser, tal como as Malvinas e a guerra que lá foi feita, um local tumultuoso e conflituoso. O resto foi a apropriada troca dos bês pelos vês, e tudo isto explica o facto de este nosso ouvinte ser, por consequência, o Malbineiro. Mas a aventura que o Malbineiro enviou não é sobre ele, antes sobre uma das figuras do bairro, conhecido como o Xancudo. Eis o que nos diz o Malbineiro:

O Xancudo é filho da Isabel Tola, mulher bruta, de peito farto, sempre de saia abaixo do joelho e sapatos onde o pé gordo faz pneu no peito do pé, e cuja comunicação, seja com quem for, e até mesmo quando segreda, é feita com recurso ao grito de uma voz já rouca e gasta, com variações no timbre, que parecem vir de alguém a desfalecer enquanto grita.

No entanto, tem um lado... positivo, vá. Mantém o Sr. Luís, pai do Xancudo, na linha. Homem franzino, cabelo fino penteado em modo de viaduto, de um lado ao outro da cabeça já careca. Também tem um sorriso lindo de uma dentadura a deambular numa boca aparentemente elástica. À vista desarmada, tem um terço do peso da mulher. Ainda assim, lá teve a força de um herói para fazer quatro filhos.

Bem, isto é quase literatura. O Malbineiro faz uma descrição ao nível de um Dinis Machado ou de um Mário Zambujal, o que eleva instantaneamente a qualidade deste livro.

Um dos filhos da Isabel Tola com o Sr. Luís — o segundo filho — é, então, conhecido como o Xancudo. Explica o Malbineiro:

Se ele tem nome, pouco importa no bairro. Mas o uso de umas chancas — botas que nos anos 80/90 elevavam 15 centímetros quem as calçasse — batizaram-no de Xancudo.

O Xancudo foi-se chegando ao grupo e já era protagonista de aventuras, nem sempre como ele as imaginava. Por exemplo, ir de comboio para jogar futebol num campo algures em Cete, Paredes (a 35 minutos de distância à época).

Perguntam: «Ermesinde não tinha campos de futebol?» Ter, até tinha. E muitos. E no percurso até Cete deviam ser às dezenas. Mas... como é que ocupavam o tempo que tinham, antes das tecnologias? Saía o Menu Futebol + Passeio para todos, com finos fresquinhos, quando regressados. Mata-se o tempo, mata-se a sede. É da primeira dessas viagens — primeira para o Xancudo — que vos falo.

O Xancudo, apesar de tudo, já estava à vontade com o pessoal. Sacos a tiracolo, outros com mochilas, lá vai o batalhão de uma equipa de futebol e os seus suplentes, desde o bairro para a estação, a pé. Aqueles sacos levam tudo o que é preciso e muito que, provavelmente, não é preciso.

E tudo isso pesa.

O comboio arranca, e aqueles malbineiros nem precisavam de tanto lugar sentado. Distribuem-se pelas pontas de uma carruagem e ali vão eles, a conversar aos gritos, pelo meio do barulho entre carruagens, e a desviar, recorrentemente, o cabelo dos olhos — por causa do vento que se faz sentir e dos penteados que se teimam em usar.



Chega então a altura que o nosso ouvinte Malbineiro define como o momento de «mandar os sacos». Fora do contexto, «mandar os sacos» é aquele tipo de expressão que soa a eufemismo para qualquer coisa eventualmente sórdida. Mas, ao continuar a ler a mensagem do Malbineiro, percebi que, neste caso, não podia ser mais literal. Explica ele:

Mandar os sacos é a primeira das táticas daquela equipa: como o comboio passa perto do campo de futebol a uma velocidade reduzida, numa zona com ervas altas, eles aproveitam, mandam os sacos, e quando finalmente saem em Cete, fazem cerca de dois quilómetros para trás, todos lampeiros, de mãos a abanar.



Achei isto tão engenhoso, que me fez suspirar melancolicamente pela destreza mental que nunca tive na minha adolescência para me lembrar de uma coisa assim — mesmo não jogando à bola nem precisando de atirar mochilas para as imediações de campos de futebol. Eles livram-se das mochilas **antes** de chegar à estação. Como o comboio passa perto do campo, mandam tudo pela porta, para não terem de fazer o caminho carregados. Quando se aproximam do campo, os pertences já lá estão. Soberbo.

Neste ponto, convém recordar que aquela era a primeira viagem do Xancudo com este grupo. E o Xancudo quis ajudar. Diz o Malbineiro:

O Xancudo começa a receber os sacos, começa a mandá-los carruagem fora. Pelo canto do olho vê que, na outra extremidade da carruagem, mais atrás, estão a fazer o mesmo. E quando lança o último saco... salta o Xancudo, ele próprio, de seguida, em voo, para fora do comboio. Em andamento!

Não. Não era suposto. Eram só as mochilas. O conceito, recorde, era largar as mochilas pela janela do comboio, perto do campo. Depois seguir viagem, sair na estação e ir a pé até ao campo — junto do qual já estavam as mochilas, devidamente lançadas do comboio. Mas alguém falhou esta alínea de explicação ao Xancudo. Ele mandou as mochilas e mandou-se ele próprio porta fora. Com o comboio em andamento. Diz o Malbineiro:

Incrédulos, ainda sem dizer nada, quando olham para os que estão na outra ponta, já eles os olham de volta, com a cara de quem viu o Xancudo voar. E voou. Em conversa, percebe-se que o Xancudo estava ainda a fazer-se à pista, prestes a tocar com o seu trem de aterragem no chão, quando os da outra ponta da carruagem estavam a passar por ele. Talvez a velocidade não fosse assim tão reduzida: para sacos, tudo bem. Agora, humanos com mais de 1,80 m de altura... talvez não seja boa ideia.

Tiremos um momento para imaginar o Xancudo, 1,80 metros de ser humano, após mandar os sacos todos, às reboletas mato fora. Porque achou que, depois das mochilas, era suposto todos eles saírem, também, em voo.

Todos saíram do comboio na estação, em Cete, e diz o Malbineiro:

Todos se apressam a ir buscar os sacos e, claro, o Xancudo. Lá chegados, constatam que o Xancudo está a cambalear, mas garante que vai jogar e até já tirou todos os sacos do meio das ervas e colocou-os no passeio.

Incrível. Grande Xancudo. Mas claro que questões se impunham. Diz o Malbineiro:

Quando perguntam ao Xancudo a razão de ter saltado, o Xancudo jura que lhe pareceu que, lá para trás, mais alguém tinha saltado. Mas que agora já percebeu que não. Que afinal tinha sido só mais um saco. Ainda assim, o Xancudo diz que se «poupa muito tempo ao

saltar ali do comboio», alimentando a esperança de que mais alguém se lembre de saltar na próxima vez.

Isto é sublime. E o Malbineiro termina com uma moral da história:

No bairro, como fora dele, as amizades podem levar-nos por maus caminhos, e outras por bons caminhos. Mas, seja como for, nunca saltem fora a meio do caminho sem a certeza de que, aconteça o que acontecer, pelo menos não saltaram sozinhos. Esta história é dedicada ao Xancudo, à equipa de futebol, que mantenho sob anonimato, e aos malbineiros do meu bairro.